

Não farás para ti imagem:
fé, política e pensamento
mágico-imagético-circular

Vinicius Souza

Doutor em Comunicação pela UNIP-SP
Professor do Programa de Pós-Graduação em
Comunicação e Poder na UFMT
E-mail: vgpsouza@uol.com.br

Recebido: 16 mar. 2020

Aprovado: 02 jun. 2020

Resumo: Este texto trabalha com a hipótese de que estamos “lendo” e compreendendo as informações que nos chegam como se fossem imagens, inclusive os textos. E relaciona isso à preponderância dos esquemas de fé quase religiosa baseada em imagens para a construção de comunidades de ódio e intolerância que se disseminam e se alimentam pela comunicação nos meios digitais.

Palavras-chave: Modo de Pensamento. Mágico-Imagético-Circular. Informação Digital.

Abstract: This text works with the hypothesis that we are “reading” and understanding the information that comes to us as if they were images, including texts. And relates this to the preponderance of schemes of quasi-religious faith based on images for the construction of communities of hatred and intolerance that are disseminated and fed by communication in digital media.

Keywords: Way of Thinking. Magic-Imagetic-Circular. Digital Information.

Resumen: Este texto funciona con la hipótesis según la cual estamos "leyendo" y entendiendo la información que nos llega como si fueran imágenes, incluidos los textos. Y relaciona esto con la preponderancia de esquemas de fe casi religiosa basada en imágenes para la construcción de comunidades de odio e intolerancia que son difundidas y alimentadas por la comunicación en los medios digitales.

Palabras clave: Forma de Pensar. Magia-Imagen-Circular. Información Digital.

Introdução

Boa parte dos pesquisadores em comunicação já tem como consenso alguns dos efeitos do uso da internet e das redes sociais na polarização das sociedades, nos extremismos políticos e no fenômeno da negação da ciência. Está claro que as pessoas estão agindo mais motivadas pela emoção do que pela razão. E, entre as emoções, vencem as mais fortes como medo, ódio e desejo. As imagens atingem diretamente essas emoções mais básicas. E sua utilização favorece discursos autoritários que negam a ciência e reivindicam um fundamentalismo quase religioso, como demonstram Castells (2019), Stanley (2018), Miranda Júnior (2016), Prandi (2019) e Casara (2018).

O professor Manuel Castells (2019) falou sobre isso recentemente, em seminário na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Livros, como o organizado pela professora da Unifesp Esther Solano Gallego (2018), mostram a perplexidade diante do ódio como forma escolhida por grupos da extrema direita para fazer política no Brasil¹. De certa forma, há nisso grande semelhança com os sistemas religiosos, com a fé: a certeza do que não podemos provar. Entretanto, paradoxalmente, em relação à maior adesão de grupos cristãos ou judeus, a confiança cega não está mais nas palavras de Deus, mas em imagens, visuais ou não, construídas e disseminadas midiaticamente.

A maior parte das observações acadêmicas sobre isso se concentra em descrever como o fenômeno funciona, especialmente nas redes digitais de comunicação, e suas implicações, seja nos relacionamentos interpessoais, de grupos sociais, na educação, na política institucional ou mesmo nas modificações na estrutura do cérebro². Porém, é possível observar que pouco se debate o porquê disso acontecer.

Qual é o mecanismo por trás do fenômeno, já que as mudanças nos sistemas de comunicação são o canal pelo qual isso acontece e não o motivo da troca da razão pela emoção? Talvez, como previa Vilém Flusser (2009), o que muda é a própria forma de pensamento da humanidade. Estamos saindo do modo de raciocínio baseado em textos (tempo-histórico-linear), que relaciona causas a efeitos e se tornou hegemônico com as religiões baseadas em livros sagrados, para o tipo de pensamento baseado em imagens (mágico-imagético-circular), no qual a relação é direta com o significado a partir do repertório interno e não com os motivos ou consequências da cena.

Ora, a grande força da imagem é o seu impacto emocional, especialmente sobre

emoções básicas como medo, ódio e desejo. Este texto trabalha com a hipótese de que estamos “lendo” e compreendendo todas as informações que nos chegam como se fossem imagens, inclusive os textos. Contudo, pretendo me deter agora mais na questão da preponderância dos esquemas de fé quase religiosa baseada em imagens para a construção de comunidades de ódio e intolerância que se disseminam e se alimentam pela comunicação nos meios digitais.

Para tanto, recorrerei prioritariamente a fontes imagéticas – especialmente entrevistas, palestras e documentários, além de artigos e postagens disponíveis somente na internet. Afinal, penso que já passamos de uma sociedade textólatra, com o poder na mão dos intérpretes do conhecimento, laico ou religioso, de escritos e escrituras, para uma era da idolatria de mitos, ideias e imagens falsas, como a meritocracia, o neoliberalismo e a possibilidade de retorno aos “bons e velhos tempos” por meio da violência. No mundo atual, orientado às imagens, ou deciframos o enigma de nos comunicarmos e nos relacionarmos imgeticamente de forma mais solidária e racional, ou, da mesma forma que na mitologia grega da Esfinge de Tebas, seremos todos devorados.

Comunicação e ódio

Em julho de 2019, o sociólogo Manuel Castells participou na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, do *Seminário Comunicação, Política e Democracia*, organizado pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas (FGV DAPP) da instituição. No dia seguinte, os principais jornais do país publicaram com destaque uma única frase: “o Brasil vive uma ditadura sutil”. O termo (sutil) usado por Castells pode não ter sido sua melhor escolha, já que de fato estamos vendo o desmonte diário de direitos, a destruição das infraestruturas de participação política da sociedade civil, a militarização do governo, o ataque às instituições de ensino, o crescimento no número de assassinatos cometidos por agentes do Estado e a censura sobre determinados conteúdos culturais.

Entretanto, se o modelo de ditadura, e mesmo do golpe de 2016, está realmente longe do que se viu no continente nos anos 1960 e 1970, as bases para a construção do fascismo estão postas no Brasil e em vários países, como demonstra o professor de Yale Jason Stanley (2018), em palestra no Claremont McKenna College.

Logo na abertura do evento (0:30 min – 1:40 min), o estudante apresentador, Bruno Youn, cita a ensaísta e pesquisadora de imagens Susan Sontag para chamar de “culto” a adoção de regimes assemelhados ao fascismo em países como o Brasil, onde a população decide “não pensar” sobre política, deixando seu destino nas mãos de líderes que os controlam por uma fé quase religiosa, e não pela razão.

Durante a palestra, Stanley afirma que o fascismo é uma estratégia de poder baseada em sentimentos como medo e lealdade e cita o Brasil mais duas vezes enquanto explica o que chama de dez pilares do fascismo, incluindo a construção imagética de um passado mítico que nunca existiu (25:15 min), que só é possível por meio da propaganda mentirosa (28:40 min) e pelo anti-intelectualismo (32:48 min) para que os fatos científicos e as múltiplas perspectivas da verdade não desmintam sua falsa versão da realidade.

Castells (2019) concorda que isso não acontece apenas no Brasil, mas também em outros países nos quais boa parte da sociedade tem optado por abrir mão da racionalidade, dos estudos, dos especialistas e da própria ciência em favor das emoções manipuladas pelo senso comum. O autor salienta que isso deixa perplexas as forças democráticas, que parecem não compreender como os extremistas de direita podem ser contra a ciência ou podem acreditar que as mulheres são inferiores, por exemplo.

Separar as pessoas entre “nós” e “eles” prometendo a volta do poder a grupos sociais historicamente privilegiados (homens brancos e heterossexuais), que estariam perdendo as regalias para as minorias (mulheres, negros, LGBTQ+s, povos originários), é outro dos pilares do fascismo, segundo Stanley (2018). Castells (2019) acrescenta que isso convém a quem acredita, a quem tem fé, inclusive por razões de pertencimento ao que chama de “religiões obscurantistas”. Mas também que isso teria uma raiz emocional e que a análise dessa política emocional é fundamental para entendermos o que se passa em grande parte do mundo.

A palestra, seguida por debate, abarcou, no entanto, outros elementos que passaram despercebidos pelos jornalistas. O primeiro foi a fundamental relação entre comunicação e poder. O segundo, a origem do verdadeiro poder (e também da comunicação) – que é a mente humana e sua expressão mais profunda e duradora, a persuasão, já que o poder pela coerção sempre será limitado pela revolta de quem é coagido ou, como diz Castells, pelo contrapoder.

A batalha se desenrola nas mentes das pessoas. E se dizemos isso, dizemos comunicação, porque o que define a espécie humana é que somos animais sociais [...] e a comunicação cognitiva e consciente é o que nos caracteriza. Por conseguinte, as formas de comunicação são decisivas não somente para entender, mas para atuar sobre e transformar as relações de poder. É através do debate e, afinal, das lutas que se disputam nas mentes das pessoas, que se configuram as relações de poder em todas as sociedades. Não é distintivo de nossa sociedade que haja novos meios de informação e comunicação. As chamamos assim por causa das transformações das Tecnologias de Informação e Comunicação, mas todas as sociedades da história foram sociedades de informação e comunicação. A informação sempre tem sido decisiva no poder e na riqueza e a comunicação sempre tem sido a forma de construção do social e, em particular, das relações de poder. (CASTELLS, 2019, 1:20:30 min - 1:22:04 min, tradução nossa).

Para Castells, se quisermos lutar contra os retrocessos, é importante compreender esses sentimentos e suas razões, ainda que emotivas, e não nos isolarmos numa elite intelectual que permita a ascensão dos reacionários pelos meios democráticos. Ele lembra que a democracia não garante a liberdade e que Hitler foi eleito democraticamente, assim como a Inglaterra votou no *Brexit*, os EUA em Trump em 2016. São emoções negativas que tomaram boa parte do eleitorado e que impedem, por exemplo, que projetos desenvolvidos por técnicos e especialistas em cima de pesquisas e dados coletados por anos para políticas públicas que melhorariam a vida das pessoas possam ser aprovados. “Se combina essa construção subjetiva com algo mais institucional, mais objetivo, que é a crise da legitimidade política, que tem causas não somente subjetivas, mas também estruturais” (CASTELLS, 2019, 1:36:43 min – 1:37:02 min).

As construções da subjetividade, obviamente, têm a ver com comunicação e, em nosso tempo, com imagens que consumimos e nas quais queremos nos espelhar. Como passamos cada vez mais tempo em ambientes digitais, especialmente as redes sociais, é neles que construímos nossa visão de mundo.

Três dias depois da palestra de Castells, a Netflix estreou no Brasil o documentário *Privacidade Hackeada* (EUA, 2019), dirigido por Jehane Noujaim e Karim Amber, que mostra detalhadamente como a empresa britânica Cambridge Analytica capturou os perfis psicológicos de milhões de usuários do Facebook para vender a partidos de direita no mundo todo mapas de eleitores suscetíveis a serem influenciados por *fake news* para mudarem o voto. O esquema foi comprovadamente utilizado tanto no *Brexit* como na eleição de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016, provavelmente também no Brasil em 2018 – e não há dúvidas de que foi eficiente.

Pior, a ampla maioria conquistada pelo Partido Conservador, do primeiro ministro inglês Boris Johnson, defensor do *Brexit* mesmo sem acordo com a União Europeia, em dezembro de 2019³, demonstra que os políticos com argumentos racionais ainda não descobriram como derrubar falsas promessas de retorno a um passado mítico.

Os textos como se fossem imagens

Aqui está o segundo grande paradoxo de nossa época: o fundamentalismo político/religioso que adora imagens, construído por pessoas que dizem seguir religiões nas quais a adoração às imagens é expressamente proibida. Diversos versículos bíblicos, tanto do Novo como do Velho Testamento, trazem esse mandamento. Em Êxodo capítulo 20, versículos 3 a 6, por exemplo, temos:

Não terás outros deuses além de mim. Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem meus mandamentos.

Já na Epístola de Paulo aos Romanos, capítulo 1, versos 22 e 23, vemos que: “Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, como de pássaros, quadrúpedes e répteis”⁴.

Como é possível que uma parte da população identificada com um texto sagrado que proíbe o culto às imagens acredite em políticos que usam as imagens para apoiar políticas contrárias ao que está escrito nos evangelhos? Segundo Flusser (2008), quando as pessoas se prendem ao fascínio mágico das imagens, reforçam seus próprios preconceitos e não são convencidas por argumentos racionais, sejam quais forem.

No pensamento baseado em imagens, o mágico-imagético-circular, o olhar gira sobre a imagem e capta de uma só vez o seu significado. As pessoas buscam nos textos que acompanham as imagens apenas a confirmação dos significados já identificados, ignorando quaisquer informações contraditórias. Esse tipo de pensamento, portanto, é pouco adequado à argumentação e à aquisição de novos conhecimentos. Já o modo de pensamento baseado em textos, o tempo-histórico-linear, pressupõe a correlação de fatos e informações coerentes e sequenciais para fazer sentido⁵.

Considero que a questão é ainda mais profunda. A profusão das imagens técnicas em que estamos imersos desde o advento da fotografia no século XIX e, especialmente, a partir das tecnologias digitais nos últimos 30 anos, está nos empurrando a ler os próprios textos como se fossem imagens (SOUZA, 2018). Em vez de seguirmos a linha textual para compreender e concordar, ou não, com as causas e consequências do raciocínio apresentado, estamos circulando nosso olhar nos blocos textuais para “pescar” as palavras mais significativas dentro de nossas opiniões já formadas sobre o tema e/ou o autor, de modo a confirmar esses preconceitos sem deixar margem para contestação. Um pensamento fundamentalista.

Um exemplo claro disso foi o embate entre as mensagens trocadas pelos procuradores e o juiz da Operação Lava Jato publicados pelo site *The Intercept Brasil*⁶ em parceria com alguns dos mais tradicionais veículos de comunicação do país, tanto alinhados à esquerda como à direita, e os supostos vazamentos de conversas entre o premiado jornalista Gleen Greenwald, seu marido, o deputado federal David Miranda e outros políticos de esquerda, como o ex-deputado autoexilado Jean Wyllys (de quem Miranda era suplente) e o deputado federal Marcelo Freixo, os três do Psol do Rio de Janeiro, publicados numa conta do Twitter mantida por uma figura com o pseudônimo Pavão Misterioso⁷.

Não existe, a rigor, qualquer diferença entre a captura de imagem de uma conversa no WhatsApp feita pelo *Intercept* e pelo Pavão. O diferente é o texto, sua origem, sua intenção e suas consequências. Se vejo os textos apenas como o que pretendem mostrar (crimes sendo cometidos), eles são equivalentes. A partir da leitura mágico-imagética-circular do texto, quem previamente acredita que Lula é um ladrão, tende a dar mais credibilidade às imagens veiculadas pelo Pavão, porque confirmam sua crença. Para essa pessoa, o fato de Greenwald ter um prêmio Pulitzer, um Esso e um Oscar pelo documentário *Citizenfour*, que mostra os vazamentos de espionagens feitas pela Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos – NSA em todo o mundo, não significa absolutamente nada.

Muito mais importante para o crente é o fato do jornalista ser casado com outro homem, portanto, contrário às “Leis de Deus”. E esse homem ser de um partido de esquerda, comunista e ateu. Assim, nada do que Greenwald escrevesse teria qualquer credibilidade, ainda que diante de um personagem que nunca mostrou o rosto ou o próprio nome e que sumiu tão “misteriosamente” quanto surgiu.

Discussões

Nossa vida e nossas relações são cada vez mais vivenciadas e construídas nos ambientes digitais, que valorizam a experiência visual sobre as demais formas de apreensão de informações. Portanto, a atual troca da razão pela emoção nas decisões políticas certamente tem um forte vínculo com as redes sociais, mas isso vem sendo feito há milênios por diferentes formas de comunicação, especialmente para separar os indivíduos em grupos e hierarquizá-los de modo a dominá-los, seja com argumentos religiosos, seja com teorias pseudocientíficas (como a falsa superioridade de homens sobre mulheres e de brancos sobre negros).

Contudo, se nunca houve muitas possibilidades de experiência física dos grandes acontecimentos representados pelo jornalismo em primeira realidade tridimensional (SOUZA, 2018; 2019), a própria materialidade das informações, antigamente transmitida por fotografias bidimensionais ou textos unidimensionais (FLUSSER, 2008), perdeu-se com a comunicação mediada por aparelhos eletroeletrônicos. Como praticamente todas as informações que consumimos hoje vêm por meio de imagens nas mídias digitais, não há mais sequer a aura da obra original de que falava Benjamin (1994). Tudo é zero e um. Tudo é superficial. Tudo é virtual. E tudo é imagem, lida de forma mágico-imagética-circular, inclusive os textos em mensagens de WhatsApp, Twitter ou Facebook.

Há uma crise de legitimidade na democracia atual. Nenhuma instituição, nenhum estudioso, artista, jornalista, político, religioso, *a priori*, tem legitimidade. Já não há consensos sobre a realidade ou os fatos. Os cientistas são incapazes de convencer os terraplanistas de que o planeta tem uma forma quase esférica, porque eles acreditam em imagens do Youtube que mostram tratar-se de uma grande conspiração que teria forjado até a descida do homem na Lua (A TERRA, 2018). Ou temos uma fé idólatra nas imagens (e textos) que vemos (lemos) porque suas supostas informações vêm de encontro às nossas crenças e preconceitos, ou as descartamos por outras mais adequadas à nossa visão de mundo. Assim como ocorreu com o rádio e o cinema na República de Weimar na Alemanha dos anos 1930, as novas Tecnologias de Informação e Comunicação estão fornecendo ferramentas para que grupos fascistas ou protofascistas construam e disseminem imagens, visuais ou textuais, que atingem fortemente as emoções mais básicas, como medo e ódio, de grandes parcelas da população.

Considerações finais

Se somos bombardeados por *fake news* que combinam com nossos preconceitos, passamos a desconfiar das informações discordantes, ainda que vindas de conhecimentos consolidados como o formato da terra, documentos históricos, pesquisas com bons métodos, etc. Isso é ainda mais perigoso num momento de pandemia global cuja única estratégia científica comprovada contra o colapso dos sistemas de saúde é o isolamento social geral e a quarentena de infectados. Mas, a diferença entre acreditar ou não nos cientistas está se revelando cruamente no número de mortos e, consequentemente, nas imagens de caixões sem funerais e covas abertas às centenas. Não à toa, países com maior tradição no respeito à coletividade e/ou com maior controle social estão se saindo melhor do que nações onde houve grande crescimento de líderes políticos que refutam a maior integração entre os povos (xenofobia), as mudanças climáticas, os fóruns multilaterais e a primazia da ciência sobre a religião.

Não acho que seja possível, nesse ponto da história, retornar, de forma hegemônica, ao modo de pensamento tempo-histórico-linear. Mas há outras maneiras de se demonstrar as causas e consequências das atitudes ao longo do tempo, inclusive através de imagens.

À Peste Negra que dizimou talvez um terço da população europeia no Século XIV e não foi vencida com a queima de judeus vivos em fogueiras públicas, seguiu-se o Renascimento. As imagens escuras e chapadas de figuras religiosas seriam substituídas pela perspectiva renascentista com traços cientificamente estudados para dar proporções anatomicamente exatas às representações de homens. Cem anos depois terminaria a Idade Média e começaria a Idade Moderna, com o resgate do conhecimento do ensino laicos nas universidades.

Hoje, pedir ensino presencial/experiencial não é razoável devido ao perigo de contágio do Coronavírus. Mas, paradoxalmente, talvez pais e filhos jamais estiveram tão juntos diante das telas de Ensino a Distância. Oxalá, as gerações mais antigas aprendam a lidar melhor com as falsas imagens digitais e as mais novas possam ganhar com a maturidade e vivência palpável dos mais velhos.

Referências

- A **TERRA** é plana. Dir.: Daniel J. Clark. Netflix: Estados Unidos, 2018. 1h:35m, colorido.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: agia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- CASARA, R. Precisamos falar da direita jurídica. In: GALLEGO, E. S. (Org.) **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 71-78.
- CASTELLS, M. In: **Seminário Comunicação, Política e Democracia**. Palestra antes de debate. Fundação Getúlio Vargas, 16 jul 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yxxQhzH44xE>>. Acesso em: 16 set. 2019.
- FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- _____. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.
- GALLEGO, E. S. (Org.) **O ódio como política. A reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MIRANDA JÚNIOR, G. O argumento ontológico abduutivo de Dallagnol – Ou da falácia do uso da conclusão como premissa. **Revista Krinos**, 16 set. 2016. Disponível em <<https://medium.com/revista-krinos/argumento-dallagnol-5bd9b7a565a1/>>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- PRANDI, R. Os 12% do presidente: em que lugar da sociedade habita o bolsonarista convicto? **Jornal da USP**. Universidade de São Paulo, 13 de set. 2019. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/os-12-do-presidente-em-que-lugar-da-sociedade-habita-o-bolsonarista-convicto/>>. Acesso em: 14 dez. 2019.
- PRIVACIDADE** hackeada. Direção: Jehane Noujaim e Karim Amer. Netflix: Estados Unidos, 2019. 2h:19m, colorido.
- SOUZA, V. **Imagens vencedoras**: fotojornalismo e os processos de produção de realidades e invisibilidades midiáticas. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Paulista, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.unip.br/presencial/ensino/pos_graduacao/strictosensu/comunicacao/download/com_viniciuspereiradesouza.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2020.
- _____. Quer que desenhe? A leitura de textos como se fossem imagens. In: SOUSA, J. P. (Org.). **Jornalismo e estudos mediáticos**: memórias. Porto, Portugal: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2018. p. 121-135.
- _____. Contra fotos não há argumentos: Influência das imagens nas *fake news* e seu impacto nos fluxos comunicacionais e na atual crise democrática. In: SOUSA, J. P.

(Org.). **Jornalismo e estudos mediáticos**: memórias II. Porto, Portugal: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2019. p. 99-110.

STANLEY, J. **Golo Mann 2018**. Palestra sobre o livro *Como o fascismo funciona: a política do “nós” e “eles”*. Claremont McKenna College, EUA, 12 nov 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aHGCen_h_xE>. Acesso em: 14 dez. 2019.

¹ Documentários, a exemplo de *Privacidade hackeada* (2019), comprovam a manipulação de vastos contingentes eleitorais a partir da análise de comportamentos nas redes e seu uso para disseminar conteúdos falsos, muitos deles absurdos se observados logicamente. E outros, como *A terra é plana* (2018), atestam a que ponto se pode chegar na dissociação cognitiva com a realidade objetiva.

² As mudanças físicas com o uso da Internet estão bem explicadas em *A Geração Superficial – O que a internet está fazendo com nossos cérebros* (Agir, 2010) citado em SOUZA (2018). A relação entre internet e assassinatos em massa em escolas nos EUA pode ser melhor vista na série *Porque Odiamos*, produzida em 2019 por Steven Spielberg e Alex Gibney para o Discovery Channel. Já sobre preconceitos, ódio, pós-verdade e redes sociais, vale a pena assistir ao breve episódio *Como as redes sociais destroem a sociedade*, do canal de Youtube #Meteoro.doc, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2_B4uvKrfzk>. Acesso em: 5 abril, 2020.

³ Veja matéria da BBC disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50752734>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

⁴ Ambos os trechos foram retirados do site Sua Bíblia. Disponível em: <https://www.suabiblia.com/idolatria_de_imagens/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

⁵ Para análises mais profundas sobre os modos de pensamento segundo Flusser, ver SOUZA (2016; 2018; 2019).

⁶ Disponível em: <<https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

⁷ A conta @opavaomisterioso foi suspensa do microblog, mas as reproduções das mensagens podem ser facilmente acessadas em canais do Youtube como o Real Direita Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCUI4FGI_MTdPwYQH3jnPixA>. Acesso em: 13 dez 2019.